



CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA  
carlosalexandre.df@dabr.com.br

## Mais um

O ministro do Supremo Tribunal Federal Dias Toffoli anulou as decisões contrárias ao Léo Pinheiro, ex-presidente da empreiteira OAS, investigada na Operação Lava-Jato. Toffoli entendeu que a conduta do ex-juiz Sergio Moro e dos procuradores da força tarefa corrou "as bases do processo penal democrático". Com a decisão, Léo Pinheiro obteve o mesmo benefício concedido a Marcelo Odebrecht, personagem central do escândalo do petróleo.

## Dilema empresarial

Homenageado durante o seminário Lide de governança corporativa, o chairman do Grupo Gerdau, Jorge Gerdau, alertou para a distância entre a prática empresarial e a política. "A capacidade empresarial do brasileiro é indiscutível. Temos exemplos de grandes competências. Por que falhamos tanto no campo político?", questionou em discurso. Elie Horn, sócio-fundador da Cyrela, também recebeu homenagem do grupo Lide.

## Chega para lá

A Justiça paulista concedeu medida protetiva a Duda Lima, marqueteiro do candidato à prefeitura de São Paulo Ricardo Nunes, contra Nahuel Medina. No início da semana, o assessor de Pablo Marçal deu um soco em Duda Lima. O juiz Mens de Mello determinou que o agressor e a vítima fiquem a uma distância de no mínimo dez metros. Há uma expectativa do que pode acontecer nos próximos debates entre os candidatos.

# O Brasil além do discurso na ONU

Após reiterar suas convicções sobre a agenda internacional no plenário das Nações Unidas, o presidente Lula retorna ao Brasil com alguns embaraços e ao menos duas missões complicadas na bagagem. As declarações sobre o acordo da Ucrânia e a acusação de que o governo de Israel comete genocídio no conflito contra o Hamas e o Hezbollah, além de não serem novas, tiveram efeito nulo sobre esses conflitos.

A ofensiva do governo de Benjamin Netanyahu contra Beirute e outras localidades nos últimos dias mostrou que os apelos da comunidade internacional caíram no vazio. Mais do que gastar saliva em fóruns internacionais, o governo Lula precisa correr para retirar os brasileiros que estão na linha de fogo de Israel no Líbano.

Há ainda questões internas e regionais que precisam ir além do discurso. Como não se ouviu nenhuma palavra sobre a escandalosa manobra de Nicolás Maduro para se manter no poder em um simulacro de eleição, prossegue o constrangimento, para o Brasil, de ter como vizinho um regime que agride a democracia sem qualquer escrúpulo, instituindo um regime de exceção na América do Sul.

Por fim, o governo Lula precisa ter uma ação mais efetiva no problema ambiental, agravado pela onda de queimadas. Há muito a se fazer para o Brasil chegar à COP 30 em Belém com um repertório de medidas concretas que tratem de desmatamento, licenciamento ambiental, regularização de terras indígenas e outras urgências.



## Conta salgada

Os efeitos econômicos da crise climática continuam. A conta de luz vai ficar mais cara. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciou a bandeira vermelha, patamar 2, a partir de outubro. Um dos motivos é falta de chuvas e o encarecimento da energia elétrica. Com o reajuste, serão cobrados R\$ 7,877 para cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos.

## Procuradores do G20

O Ministério Público Federal será o anfitrião do primeiro encontro entre os procuradores-gerais dos países membros do G20. A reunião terá, entre outros objetivos, estreitar a cooperação para o combate ao crime organizado. Estão na mira ilícitos transnacionais como tráfico de pessoas, crimes cibernéticos e ambientais. A Cúpula ocorrerá no Rio de Janeiro, de 20 a 22 de outubro.

## Força-tarefa

Para o procurador-geral da República, Paulo Gonet, "trata-se de uma iniciativa pioneira, que proporcionará um foro global de diálogo entre os chefes do Ministério Público dos países integrantes do grupo, fomentando o intercâmbio de conhecimento entre os órgãos de investigação e persecução penal sobre temas jurídicos estratégicos na atualidade."

## Terminal zero

Quarta-feira, 14h, Rodoviária do Plano Piloto. Localizado entre o Palácio do Planalto e o Palácio do Buriti, o terminal que ocupa lugar central na história de Brasília está em estado de lástima. Apenas uma escada rolante funcionava no local. Em vários pontos, ambulantes vendiam o que podiam — frutas, camisetas, bermudas, fones de ouvido e toda sorte de produtos — em tabuleiros improvisados ou em cima de panos esticados ao chão. Tão perto do poder, tão longe da cidadania, a Rodoviária está esquecida.

## O incansável Eurípedes

Personagem histórico de Ceilândia, o ex-senador e ex-deputado distrital Eurípedes Camargo recebe homenagem hoje. Além de fundador da Associação dos Incansáveis Moradores de Ceilândia, grupo fundamental para a valorização dos direitos dos moradores da cidade, Camargo participou ainda da elaboração da Lei Orgânica do Distrito Federal. A homenagem será às 15h, na Escola Parque Anísio Teixeira (EPAT), em Ceilândia Sul.

## » Entrevista | ROBSON CARVALHO | CIENTISTA POLÍTICO DA UNB

Segundo especialista, a violência política tem sido usada como uma estratégia de campanha para tirar o foco do que realmente importa ao eleitor e à cidade: programa de governo que responda às necessidades da população

# “Não é coragem, é desrespeito”

» CAMILA CURADO

O Brasil tem assistido a episódios explícitos de agressões, inclusive físicas, durante debates entre candidatos às eleições municipais. Nas coberturas midiáticas e nas redes sociais, a cadeirada do candidato a prefeito de São Paulo José Luiz Datena (PSDB) em Pablo Marçal (PRTB), e o soco dado pelo assessor de Marçal no marqueteiro do atual prefeito Ricardo Nunes (MDB) são temas predominantes.

Em entrevista ao *Correio*, o cientista político Robson Carvalho, professor na Universidade de Brasília (UnB), classifica o modo como candidatos se comportam, pautando seus atos pelo uso das redes sociais, como algo para se lamentar. "Temos, claramente, episódios de violência, mas que são intencionalmente provocados. Trata-se de uma estratégia lamentável, na qual 'lacrar' acaba sendo a oportunidade que os candidatos têm para tentar repercutir e alcançar um público maior", comenta Robson Carvalho. Confira trechos da entrevista:

### Por que a violência tem sido utilizada tão explicitamente na política?

Esse tipo de comportamento — de provocar outros candidatos até tirá-los do sério para causar uma cena — é utilizado como estratégia de campanhas eleitorais. Eles possibilitam a criação de "cortes", como são chamados os vídeos de curta duração com declarações polêmicas, que circulam pela internet. É lamentável. Essa distração é boa para quem faz menos do que promete e para quem consegue chegar ao poder através da violência.

### De que forma isso acontece?

O agressor usa a violência para se colocar em uma posição de revolta contra a política tradicional e, para muitos, isso soa como corajoso. Não é coragem, é desrespeito. Mas até isso é convertido em outra linguagem: a falta de compromisso com os demais candidatos entra em uma lógica, para essas pessoas, de que os adversários são todos iguais e só ele — o agressor — está ali, enfrentando o 'sistema' sozinho. O ex-presidente Jair Bolsonaro já se utilizou desse recurso, e agora vemos o mesmo em Pablo Marçal. E, apesar de querer criar essa imagem, eles nunca foram antissistema. Eles são candidatos do sistema formados dentro das estruturas de poder.

### E por que repercute?

A notícia ruim repercute mais do que a notícia boa. Então, as declarações polêmicas e a violência geram mais visibilidade do que a discussão sobre as propostas. Esse comportamento, intencional ou não, desvia o foco do que é importante e a essência do debate acaba se perdendo. Esse artifício é utilizado como estratégia de campanha por candidatos que não têm propostas e que não sabem muito sobre a cidade, no caso das eleições municipais. E acabam dominando as conversas na internet, nas ruas, no ambiente familiar, nas rodas de amigos.

### É possível traçar um perfil das pessoas que engajam nesse tipo de conteúdo?

Uma parte do público que consome o conteúdo produzido a partir dessas 'lacrões' tem o perfil de estar cansado de políticos e da política. Eles acreditam

Reprodução



que o rompimento do debate público e a anulação da política são formas de protesto. Mas há um agravante nisso. Diferente de apenas consumir conteúdo sangrentos, seja na tevê ou na internet, votar traz consequências. O voto é para a democracia representativa como a procuração é para a justiça. Votar em alguém é como dar àquele político uma procuração para que ele tome decisões em seu nome. Imagine a democracia como um grande prédio, onde o voto compõe a base da construção. Se essa decisão não é feita com responsabilidade e consciência, todo o resto sofrerá impactos, se o edifício conseguir se manter em pé.

### O que pode e deve ser feito para que a prática de agressão física seja evitada?

No caso recente de Pablo Marçal, o ideal seria excluí-lo dos debates. Ter que pregar cadeiras no chão, contratar mais seguranças, tudo isso por causa de um candidato faz com que esse sensacionalismo barato seja alimentado, e cria uma expectativa ruim sobre o debate. O diálogo político não é espaço para espetáculos. Não podemos permitir que isso seja naturalizado. Quando o debate é rompido com esse tipo de violência, nos afastamos da democracia e caminhamos em direção a barbárie. A política não é a arte do fazer individual, é a parte do coletivo. E, para que ela ocorra, a palavra essencial é o diálogo: o enfrentamento com respeito.

### Pode-se dizer que a violência virou uma estratégia de campanha?

É exatamente isso. Virou uma estratégia lamentável de campanha, que só favorece aquele que não tem propostas para apresentar. Quando você parte para a violência para tentar 'lacrar', você acaba gerando uma cortina de fumaça, e tira o foco do que realmente é importante para o eleitor e para a cidade. É provocação gratuita e barata criada para repercutir, principalmente nas redes sociais. Essa forma de comunicar está conectada com a extrema direita. Foi assim na gestão de Bolsonaro, na de Donald Trump nos Estados Unidos, repetida por Boris Johnson no Reino Unido, e praticada por Javier Milei, na Argentina. Diversos personagens que utilizam do mesmo *modus operandis*, as mesmas ferramentas.

A notícia ruim repercute mais do que a notícia boa. Então, as declarações polêmicas e a violência geram mais visibilidade do que a discussão sobre as propostas"

### Essa 'cortina de fumaça' pode ameaçar a democracia?

Sem dúvidas há um forte interesse político por trás disso, e ele está conectado diretamente com as redes sociais. Essas plataformas amplificam discursos relacionados ao 'neofascismo' e 'neonazismo', como são conhecidas a 'nova fase' do fascismo e do nazismo. Em 2022, o deputado Kim Kataguiri (União-SP), no mandato anterior, chegou a defender a criação do partido nazista. Algo absolutamente absurdo. Infelizmente, dentro e fora da política, há pessoas que se identificam com esse tipo de pensamento, acham isso é normal e democrático, mas não é. São perigosos. O nazismo entrou na Alemanha pelas portas da democracia e, alcançando o poder, se tornou o que vemos na história.